

Introdução

José Manuel da Silva Pinto¹

Afinal, esperança vã a minha, o primeiro parto nem sempre é o mais difícil. Umás vezes é, mas noutras as dificuldades mantêm-se ou aumentam até, por exemplo com a impaciência da mãe, agora mais habituada ao que a espera.

Como os *Anais de Psicologia* não têm verdadeiramente uma mãe, ficou assente na Introdução que fiz ao seu número um que eles têm um avô, que sou eu. E neste momento sou um avô bastante cansado e, mais do que isso, saturado, porque é desgastante, desmotivador e monótono passar o tempo a pedir, repito, a pedir aos colegas que escrevam artigos para a nossa revista, com resultado praticamente nulo.

De promessas anda o mundo cheio... de realizações temos muita falta.

Sabemos que escrever um artigo para a *Psique* é tarefa ciclópica, sobretudo para quem, como nós professores do Curso de Psicologia da UAL, tem tanto que fazer. Mas, com umas horas de trabalho, durante um ano inteiro, não poderíamos dar conta do que estamos a fazer? Não poderíamos partilhar com os outros, docentes e alunos, algumas das nossas investigações na psicologia?

É que a curto prazo a revista trará apenas artigos dos alunos e não é esse o objectivo dela. Queremos publicar o que de bom os nossos estudantes aprenderam a fazer. É bom, alegra-nos, motiva-nos e, porque não dizê-lo, faz-nos até cair (ainda que só um bocadinho) no pecado do orgulho... orgulhamos, porque pensamos que algum pequeno contributo teremos dado para que eles trabalhem tão bem.

Mas a revista não tem essa finalidade e, embora a inclusão de trabalhos dos estudantes tenha sido realmente uma inovação do nosso Curso que iniciei,

¹ Coordenador dos Anais "Psique" do Curso de Psicologia da UAL.

muito me agrada e que espero que agrade a todos, não parece ser esse o seu destino normal. Portanto, caros colegas, ou começam mesmo a colaborar ou, se calhar a curto prazo deixamos de ter os nossos *Anais* (leia-se *Psique*, de seu nome próprio).

Será isso que queremos? Estou convicto de que não é. Para o melhor e para o pior somos portugueses e temos, por isso, mais pronta a arma da crítica do que a da colaboração. Gostamos mais de censurar do que de ajudar. Lembramo-nos mais rápida e facilmente dos nossos males do que dos dos outros e isso pode ajudar a esquecer a revista *Psique* que, afinal, se espera que seja considerada parte de todos nós, quer em publicações, quer em estima.

Sabemos que ela é modesta, mas se não colaborarmos, como evoluirá? Se quem sabe mais não escreve, como é que a *Psique* avançará para voos mais largos?

Para que fique claro que o cansaço que referi não é por falta de preparação física, resumamos:

No número um houve oito artigos, sendo quatro de alunos.

No número dois houve oito artigos, sendo seis de alunos.

No momento em que escrevo estas linhas (dia seguinte ao final do prazo para entrega) tenho seis artigos, sendo cinco de alunos... o sexto é meu.

É pena!

Mas de partos destes não gosto, por muito agradável que seja o produto final.

É frequente na clínica ouvirmos pessoas dizerem que o pior que lhes acontece na vida é perceberem a indiferença que este ou aquele (muitas vezes o marido ou a esposa) lhes dedicam. Pois a *Psique* também já se me queixou acerca disto. A indiferença dos professores do Curso dói-lhe... a mim também.

Nota: Já fora de prazo, mas sempre bem vindo e bem recebido, recebemos mais um artigo de três docentes do Departamento. Já melhorou um bocadinho a impressão geral. Obrigado.